

## AFINIDADES REVOLUCIONÁRIAS DAS INTENÇÕES SOLIDÁRIAS NO TEMPO-DE-AGORA

Bruno Bicalho Lage Silva<sup>1</sup>; Carolina Soares Nunes Pereira<sup>2</sup>

BESANCENOT, Olivier; LÖWY, Michael. *Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

*Afinidades Revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras* é, antes de mais nada, um convite para nos situarmos no tempo-de-agora (*Jetztzeit*), isto é, numa temporalidade do agir revolucionário que se alimenta da rememoração do passado, conforme propõe Walter Benjamin (LÖWY, 2005). E é partindo de leituras benjaminianas sobre temporalidade e história que Michael Löwy e Olivier Besancenot, assim como outros marxistas românticos e libertários bebedores dessa mesma fonte, sustentam a necessidade de que visitemos os escritos e os momentos de agir revolucionário- sejam eles conflituosos ou solidários- sem nos deixar perder em meio às ideias de progresso e continuidade da História burguesa.

Por uma lado, se é bem verdade que muitos textos anarquistas se debruçam sobre essa temática, seja do ponto de vista teórico, seja a partir da reconstituição de episódios históricos – afirmando, na esteira do que diz Bakunin (Cf. BAKUNIN, 1999, p. 143-154), a existência de um suposto estatismo autoritário e antidemocrático propugnado pelo marxismo- simetricamente, na linha de revolucionários como Vladimir Lênin (Cf. LENIN, 2007, p. 80-84), é possível encontrar vasta literatura na qual o pensamento e a experiência libertários são associados a um ser pequeno-burguês, abstrato e cego defensor do autonomismo.

Distanciando-se dessa troca de críticas, em *Afinidades Revolucionárias*, os esforços de Olivier Besancenot e Michael Löwy sugerem, antes, outros caminhos possíveis. Ao voltarem suas atenções para as alianças históricas entre marxistas e anarquistas, os autores- respeitando as divergências entre as duas correntes- buscam, no século XXI, repensar o *marxismo libertário*, oxigenado, construído a

<sup>1</sup> Graduando em Direito pela Universidade Federal Minas Gerais (UFMG). Contato: BicalhoBruno@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: carol.hellyeah@gmail.com.

partir “da convergência, **na ação e no pensamento**, das duas grandes correntes revolucionárias do passado, do presente e do futuro, marxismo e anarquismo, a bandeira vermelha e a bandeira negra” (BESANCENOT, 2016, grifo nosso). Além disso, sensíveis às tensões que circundam a temática, lançam mão de uma linguagem acessível e de ampla bibliografia, criando, assim, uma excelente plataforma para aqueles leitores iniciantes, curiosos pela união das diferentes correntes revolucionárias.

Por não pretender pôr termo às tensões existentes, o livro, muito mais do que uma exposição teórica minuciosa, é um convite a um percurso *não-linear*, isto é, uma composição de episódios e discussões por meio dos quais nos encontramos com marxistas e libertários. Nesse sentido, já no prefácio à edição brasileira, os autores discorrem brevemente sobre um episódio pouco visitado na história do movimento operário brasileiro, a chamada “Batalha da Praça da Sé”, também conhecida como “Revoada dos Galinhas-verdes”.

Naquele 7 de outubro de 1934, operários de orientação trotskista e anarcossindicalista, reunidos na Frente Única Antifascista (FUA), juntaram-se contra o fortalecimento do fascismo no Brasil, então representado pelo integralismo de Plínio Salgado. Expulsaram, à bala, os “camisas verdes”, mostrando ser possível, a despeito de inevitáveis divergências teóricas, a união entre anarquistas e marxistas. E é justamente esse o ponto que interessa a Löwy e Besancenot.

Na primeira parte do livro, são resgatadas “convergências solidárias”, ou seja, situações concretas capazes de revelar uma colaboração ativa entre ambas as correntes revolucionárias, indo desde a Primeira Internacional (1864) e a Comuna de Paris (1871) até o zapatismo dos dias de hoje, trazendo, também, fragmentos da militância de conhecidas personagens como Rosa Luxemburgo e Emma Goldman. São episódios e trajetórias de *resistência* que surgem da concretude das situações. São, também, respostas ao chamado de revolucionárias como Louise Michel, para quem, segundo a “carta” a ela endereçada por Besancenot, devemos nos transformar em “grandes caçadores de estrelas”, que, por mais longínquas que pareçam, “brilham claramente, suficientemente para que muitos entre nós pensem

que o combate vale a pena" (BESANCENOT, 2016, p. 62).

De qualquer maneira, os momentos de união não pressupõem o afastamento das tensões, tampouco o apagamento das disputas. Alguns "contenciosos históricos"- nas palavras dos autores- continuam a opor, *no presente*, marxistas e libertários e, por esse motivo, é mais do que necessário lançar outros olhares à história. Nessa esteira, Michael Löwy e Olivier Besancenot, ambos marxistas de origem trotskista, enfrentam a difícil tarefa de rediscutir a relação entre bolcheviques e libertários durante os primeiros anos da Revolução Russa, bem como a tragédia de Kronstadt e as revoltas anarquistas na Ucrânia de 1918- lideradas por Néstor Makhno-, apontando, assim, para a necessidade de que eventuais equívocos sejam devidamente reconhecidos.

Curiosamente, as breves reflexões presentes em *Afinidades Revolucionárias* inspiraram René Berthier, anarcossindicalista francês, a dedicar quase trezentas páginas ao livro *Affinités non électives*, ainda sem tradução para o português. Segundo o autor, Löwy e Besancenot, fazem "uma exposição pouco precisa dos fatos" (BERTHIER, 2015, p.6, tradução nossa) e, nesse sentido, seria necessário que os próprios anarquistas pudessem dar sua versão sobre eles. E é por isso que, mais do que redigir uma resposta, Berthier se propõe a, sob um ponto de vista libertário, fazer "um debate necessário (...) com os *camaradas de luta*, que são, querendo ou não, nossos primos-irmãos dentro do movimento operário", posto que "uma sociedade libertária é uma sociedade que funciona de maneira libertária, e não uma sociedade povoada exclusivamente por libertários propriamente ditos" (BERTHIER, 2015, tradução e grifo nossos). Berthier, de certa forma, acaba, portanto, corroborando com o propósito de Löwy e Besancenot, qual seja, construir pontes entre os *revolucionários de hoje*.

Para tanto, em um terceiro momento, os autores resgatam as trajetórias de três marxistas libertários- Walter Benjamin, André Breton e Daniel Guérin- cada uma delas permeada por trocas profícuas entre as tradições libertária e marxista, baseadas ora em uma crítica radical às instituições, ora em uma defesa intransigente do "direito individual à crítica" em meio a processos revolucionários e demo-

cráticos.

Löwy e Besancenot, já na parte final do livro, partem para a discussão de algumas dessas questões, tendo por objetivo apontar algumas ideias que acreditem ser caras ao marxismo libertário. No que diz respeito, por exemplo, à relação entre os partidos políticos e os sindicatos, situam-nos como sendo "as duas faces principais do movimento operário" e apontam para os riscos da romantização dessas organizações. Assim, a estrutura partidária seria a face dotada de "uma perspectiva eleitoral, com a vontade de influir sobre o curso da política governamental", enquanto que o sindicato se configuraria como o "quadro estrito da defesa dos interesses dos assalariados na empresa." (BESANCENOT, 2016, p. 174) Reconhecidas as devidas diferenças, temporais e territoriais, partidos e sindicatos enfrentam alguns desafios comuns no decorrer das lutas modernas, tais como a burocratização, o autoritarismo sobre os movimentos sociais, e as divergências de teoria e ação que surgem no seio dessas estruturas.

Assim como os conflitos mencionados aproximam as histórias dessas formas organizacionais, houve um embate que dividiu notadamente os percursos de sindicalistas e partidários na história da luta de classes: a greve geral, radical e de massas. Tomados por questões internas particulares, sindicatos e partidos se fecharam e foram incapazes de dialogar no contexto europeu, o que culminou nos fracassos sectários das tentativas de organizar o proletariado em um movimento grevista. Inspirados pelas contribuições da revolucionária Rosa Luxemburgo, Besancenot e Löwy se esforçam para rememorar o fazer democrático que inspiraria a greve:

"O debate desloca-se: a greve geral não é nem um fetiche, nem um contraponto. É questão de estar, desde o começo, disponível e favorável, de preparar-se a fim de fecundar o movimento de massa com uma orientação política que, no momento determinante da confrontação social, permita que ele vença as forças contrarrevolucionárias" (BESANCENOT, 2016, p. 178).

Da mesma maneira que fazem com as ideias sobre greve geral, os autores se inspiram na práxis de Rosa para tratar da dialética entre consciência e agir revolucionário. Ainda que *Afinidades Revolucionárias* não tenha pretensões de limitar ou mesmo definir o que é o marxismo libertário e, conseqüentemente, não se limitam

as possibilidades de uma revolução radicalmente democrática, ainda, os autores nos apontam algumas ideias valiosas e, dentre elas, está que “A autoemancipação dos oprimidos implica a autotransformação da classe revolucionária por sua experiência prática” (BESANCENOT, 2016, p. 71). O caráter democrático das lutas não se configura como um plano em abstrato, pelo contrário, trata-se exatamente da participação auto-organizada e referenciada no pensamento marxista e libertário. Isto é, o proletariado é o princípio e a chave da organização social na luta de classes. Nesse sentido, Besancenot e Löwy nos remetem, uma vez mais, a Rosa Luxemburgo:

“Só na própria luta é recrutado o exército do proletariado e também, só na luta, as tarefas da luta se tornam claras. Organização, esclarecimento e luta não são aqui momentos separados, mecânica e temporalmente distintos, [...] mas são apenas diferentes aspectos do mesmo processo” (LUXEMBURGO, 1904, p. 21 *apud* BESANCENOT, 2016).

São essas e outras reflexões que tornam *Afinidades Revolucionárias* um livro extremamente necessário. Em tempos de golpe de Estado no Brasil e em meio ao avanço da razão neoliberal mundo afora, torna-se fundamental pensar um marxismo libertário não doutrinário, em permanente construção. Assim, muito mais do que concentrar atenções em torno da ideia de identidade, nas palavras dos autores,

“trata-se antes de uma *afinidade*, de um certo encaminhamento político e intelectual: a vontade comum de desvencilhar-se, pela revolução, da ditadura do capital para construir uma sociedade desalienada, igualitária, liberada do jugo autoritário do Estado” (BESANCENOT, 2016, p.188).

## REFERÊNCIAS

BAKUNIN, Michael Alexandrovich. **Textos Anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

BERTHIER, René. **Affinités non électives: a propos du livre d'Olivier Besancenot et Michael Löwy. Pour un dialogue sans langue de bois entre libertaires et marxistes**. Paris: Éditions Libertaires, 2015.

BESANCENOT, Olivier; LÖWY, Michael. **Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários**. São Paulo:

Editora Unesp, 2016.

LENIN, Vladimir Ilitch. **O Estado e a revolução: o que nos ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. São Paulo: Boitempo, 2005.



**REVICE - Revista de Ciências do Estado**  
**ISSN: 2525-8036**  
v2.n.1 JAN-JUL.2017  
Periodicidade: Semestral

[seer.ufmg.br/index.php/revice](http://seer.ufmg.br/index.php/revice)  
[revistadece@gmail.com](mailto:revistadece@gmail.com)

SILVA, Bruno Bicalho Lage; PEREIRA, Carolina Soares Nunes. Afinidades revolucionárias - das intenções solidárias no tempo-de-agora.  
Data de Submissão: 16/02/2017 | Data de aprovação: 11/04/2017

**A REVICE é uma revista eletrônica da graduação em Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais.**

Como citar este artigo:  
BESANCENOT, Olivier; LÖWY, Michael. Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016. Resenha de: SILVA, Bruno Bicalho Lage; PEREIRA, Carolina Soares Nunes. Afinidades revolucionárias - das intenções solidárias no tempo-de-agora. In: **Revice** - Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v.2, n.2, p. 485-490, jan./jul. 2017.